



RECONEXÃO
PERIFÉRIAS

**CULTURA, POLÍTICA E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE
NAS PERIFÉRIAS: OLHARES DE COLETIVOS E
MOVIMENTOS SOCIAIS**

QUESTÕES CENTRAIS E OBJETIVO

- Como se faz cultura e política nos espaços de sociabilidade das periferias brasileiras? Quais são esses espaços? Como esses atores coletivos se organizam?

- Objetivo: Identificar as **formas de sociabilidade coletivas** nas periferias brasileiras, considerando os espaços de encontro e interação nos territórios, as identidades, valores e perspectivas políticas dos coletivos e de seus participantes.
 - ◆ Estudo sobre as formas de sociabilidade coletivas nas periferias brasileiras, considerando que os espaços de encontro e interação nos territórios conformam: identidades, valores e perspectivas políticas sobre um projeto de sociedade. O isolamento imposto pela pandemia da COVID-19 também demandou ampliação do tema, dado que o isolamento social alterou a atuação e interação nas comunidades.

CONCEITOS CHAVE

- O que define a posição periférica são as **relações de poder que estabelecem fronteiras e condições desiguais** entre territórios diferentes e também dentro do mesmo território. Essas fronteiras criam padrões normativos que nomeiam e posicionam grupos como os sujeitos privilegiados ou subalternos que ocuparão ou não posições estratégicas em relação às instituições que definem os rumos da vida em sociedade. Nesse sentido, **a periferia não se desenha pela distância territorial, mas pela distância que se tem dos espaços de poder que podem ou não garantir dignidade e direitos fundamentais.**
- ◆ Periferias são **plurais**: periferias econômicas, periferias itinerantes, periferias urbanas, periferias no centro, periferias rurais, periferias de povos e comunidades tradicionais, periferias (in)visíveis e periferias globais.

CONCEITOS CHAVE

- **Sujeitos periféricos:** são aqueles que ocupam e constroem as diversas periferias anteriormente abordadas e que não controlam as estruturas definidoras das condições econômicas, políticas e sociais. Outro aspecto que os caracteriza são os *códigos culturais compartilhados: experiências e modos de vida em comum que produzem uma linguagem compartilhada em contraposição às linguagens típicas e características de outros territórios* (D'ANDREA, 2020, p.30).

CONCEITOS CHAVE

- Os **portfólios de sociabilidades periféricas** pensados pela pesquisa baseiam-se no pensamento de Castells (2003) que, ao discutir sobre as transformações pelas quais passa a sociedade em tempos de comunicação virtual, observou como as pessoas podem pertencer à várias redes e desenvolver seus modos de circular e interagir dentro delas de acordo com suas necessidades e propósitos, ampliando assim modos de se relacionarem e se moverem por e entre as esferas sociais, culturais e políticas. Ao longo da trajetória as pessoas podem pertencer a várias dessas redes e nelas tendem a desenvolver seus portfólios de sociabilidade (CASTELLS, 2003, p.136) que estão em constante movimento.
- ◆ *Portfólios de sociabilidades periféricas* dizem respeito às formas de expressão e às trajetórias que emergem nas periferias, sejam essas formas e trajetórias revolucionárias ou conservadoras.

DESENHO DA PESQUISA

- Foram selecionadas 80 entidades entre as 812 organizações cadastradas no “Mapeamento de Movimentos Sociais e Coletivos das Periferias Brasileiras”, realizado pelo Projeto Reconexão Periferias desde 2018*.
- As entrevistas foram pré-agendadas e realizadas por telefone entre agosto e dezembro de 2020, com duração média de duas horas.
- A partir de segmentos identificados nas entidades mapeadas, foram selecionadas organizações atuantes nos seguintes temas: Articulação política; Atendimento e serviços sociais; Carnaval; Centros e Associações Comunitárias; Coletivos e Grupos Culturais; Comunicação Comunitária; Educação; Economia Solidária e Criativa; Esportes; Grupos Religiosos; LGBTQIA+; Meio Ambiente e Sustentabilidade; Mulheres; Negros; População em Situação de Rua; Povos e Comunidades Tradicionais; Terra e Moradia; Trabalho; e Violência e Acesso à Justiça.

*Uma parte das organizações entrevistadas foi indicada pelas mapeadas para preencher segmentos que não conseguimos contemplar somente com o mapeamento.

DESENHO DA PESQUISA

- Ao todo contamos com 80 organizações participantes, sendo 8 do Sul, 9 do Centro-Oeste, 14 do Norte, 24 do Nordeste e 25 do Sudeste.
- ◆ As unidades federativas AP e TO participam com 1 respondente, AC, AL, CE, DF, ES, GO, MS, PA, PB, PR, PE, PI, RN, RO, RR, SC e SE participam com 2 respondentes; para AM, MA, MT, temos 3 respondentes cada. PA e RS participam com 4 entrevistados, MG com 5, BA e RJ com 6 e SP com 12.
- O estudo levantou os elementos disparadores à criação das organizações periféricas, seus campos de atuação, tipos de atividades realizadas, públicos mobilizados, financiamento, experiências de sociabilidade promovidas e/ou identificadas no território, as formas de participação da população, relação com a política institucional, conflitos de interesse nos territórios, comunicação comunitária, as condições, estratégias e as perspectivas de atuação durante e após a pandemia, bem como o efeito dessa pandemia em seus territórios.

METODOLOGIA

- Pesquisa qualitativa composta por entrevistas realizadas a partir de questionário, visando compreender as diversas sociabilidades nas periferias brasileiras e as formas de atuação dos movimentos e coletivos locais.
- Os pesquisadores e pesquisadoras envolvidos foram orientados em oficinas de realização e aplicação do questionário.
- O questionário foi composto por 67 questões, sendo 33 de respostas abertas e 34 de respostas fechadas com a opção “outros” para categorias de respostas não contempladas. As questões foram organizadas em 9 blocos:
 - ◆ Bloco 1. Dados cadastrais; Bloco 2. Atuação da organização; Bloco 3. Perfil do público atendido; Bloco 4. Relacionamento da organização; Bloco 5. Formas de comunicação e documentação de registro das ações; Bloco 6. Representatividade institucional e política; Bloco 7. Desafios, potência e impacto; Bloco 8. Efeitos da pandemia COVID-19; e Bloco 9. Considerações finais e perspectivas.

METODOLOGIA

- A análise dos dados foi realizada em três etapas, combinando técnicas de análise qualitativa e quantitativa. Inicialmente e de forma manual o conteúdo das respostas foi analisado e organizado seguindo um padrão de proximidade semântica, com a finalidade de gerar categorias que representassem agrupamentos de significado.
- Posteriormente e com base nesta primeira etapa manual, as respostas foram processadas automaticamente, gerando resultados que poderiam ser expostos estatisticamente.
- Como a pesquisa está situada em propósitos interpretativos e compreensivos, tais resultados passaram por uma leitura que considerou as duas rodadas de organização dos dados, bem como as experiências das entrevistas em profundidade.
- Assim, o resultado aqui exposto visa sintetizar os principais temas, questões e sentidos políticos das organizações das periferias brasileiras.

PERFIL DAS ORGANIZAÇÕES

- Dentre as 80 organizações participantes, 44 são formalizadas, ou seja, possuem CNPJ, e 36 atuam informalmente. Os tipos de organização predominantes são: Associações, Coletivos, ONGs, Coletivos artísticos, Movimentos sociais, Institutos, Cooperativas e Fóruns.
- A maioria das pessoas responsáveis por responder o estudo atuam voluntariamente nos grupos, só um a cada dez entrevistados são remunerados por esse trabalho.
- A maioria dos grupos entrevistados atua em territórios urbanos, aproximadamente $\frac{1}{3}$ atua em territórios rurais e urbanos e uma minoria somente em territórios rurais.
- A criação dessas organizações está relacionada principalmente a arte e cultura e a questões raciais. Também se destacam motivos de criação relacionados a questões de gênero e luta das mulheres, educação e formação, transformação social, geração de renda, implementação de políticas públicas e relação com o poder público.

PERFIL DAS ORGANIZAÇÕES

- Os principais meios de comunicação das organizações com as comunidades em que atuam são: redes sociais, WhatsApp, comunicação boca-a-boca, telefone, visita comunitária e panfletos.
- As áreas gerais e os principais temas de atuação dessas organizações são principalmente relacionados a: população negra, mulheres, formação comunitária, grupos de estudos e pesquisa, articulação política, eventos culturais, educação e atendimento/serviços sociais. Além disso, essas entidades também atuam nas áreas relacionadas à causa LGBTQI+, ao meio ambiente e a sustentabilidade, comunicação comunitária, trabalho, violência e acesso à justiça, economia solidária e criativa, povos e comunidades tradicionais, juventude, centros e associações comunitárias, terra e moradia, carnaval, população em situação de rua, esportes e grupos religiosos.

AÇÃO E INTERAÇÃO NOS TERRITÓRIOS

- Dentre as atividades realizadas por essas organizações em seus territórios, destacam-se as **formações**, presentes na agenda de atuação de praticamente todos os participantes. Além disso, também são realizadas reuniões, rodas de conversa, apresentações artísticas, atendimento, ensaios, oficinas e aulas artísticas, eventos públicos, assistência social e visitas/excursões. As atividades são realizadas em frequências semanais, quinzenais ou mensais e chegam a mobilizar até mais de 200 pessoas.
- O público mais frequente nas atividades são **jovens e estudantes**, além de pessoas negras e mulheres. Também é frequente a participação de adultos entre 30 e 40 anos.
- As principais experiências de sociabilidade promovidas por essas organizações estão relacionadas ao **estudo, formação, rodas de conversa, oficinas e cursos**. A valorização da **cultura** e o fortalecimento dos **saberes tradicionais** também aparecem como formas de sociabilidade.

AÇÃO E INTERAÇÃO NOS TERRITÓRIOS

- A partir das entrevistas, podemos destacar três elementos principais que atraem e motivam o público a participar das atividades das organizações e movimentos sociais nas periferias: o elemento do **acesso** (ao lazer, à formação, à cultura), o elemento do **acolhimento** (relacionado principalmente à identidade e ao sentimento de pertencimento) e o elemento próprio do **engajamento e da luta política** (contra o racismo, por direitos, pelo fim da violência contra a mulher).

“O que atrai é o conhecimento sobre direitos, o olhar crítico sobre a realidade, sobre violência e saúde. As mulheres quilombolas agradecem por ter acesso à informação sobre seus direitos.”
(Organização de Santarém, PA)

“O que atrai é o acesso a informações diversas. O sarau é um canal de informações diversas sobre as questões da comunidade, como transporte público, atendimento de saúde no posto local...E fazemos tudo isso por meio de uma linguagem de fácil entendimento.” (Organização de Salvador, BA)

“O que atrai é a forma de trabalho e de fala da associação, que é muito acolhedora e afetiva, mas sem deixar de ser profissional (...) As pessoas se interessam pelo conteúdo porque a associação se interessa pelo público.” (Organização de Goiânia, GO)

AÇÃO E INTERAÇÃO NOS TERRITÓRIOS

- Podemos também destacar o que afasta e desmotiva a participação do público: **falta de recursos e dificuldades organizativas internas dos movimentos** (falta de infraestruturas, dependência de trabalho voluntário, dificuldades no diálogo interno); **dificuldades da população periférica** (dinâmicas do cotidiano, dinâmicas familiares, carga de trabalho, falta de dinheiro para passagem); **violência**, opressão e preconceito (machismo em casa, violência policial, criminalidade no percurso, intolerância religiosa, racismo, conservadorismo, medo ou vergonha de participar); **falta de visibilidade e resultados** da participação; e a **falta de conhecimento e interesse pela política** (institucional e extrainstitucional).

“O que afasta é a falta de recursos para o transporte quando a atividade não acontece no próprio bairro da pessoa, ou a falta de chips/equipamentos para acessar as aulas online.” (Organização de São Luís, MA)

“Já que a maioria são mulheres, há o problema de que muitas não podem sair de casa pelas demandas domésticas, por conta de pessoas e filhos que precisam delas. Isso impede a presença delas em formações, por exemplo.” (Organização de Salvador, BA)

“O que desmotiva é que o coletivo não consegue fazer com que as políticas públicas cheguem a tempo na vida delas, principalmente em questões relativas a violência, alimentação e renda.” (Organização de Altamira, PA)

AÇÃO E INTERAÇÃO NOS TERRITÓRIOS

- A maior parte das organizações afirma que suas atividades interferem na vida cotidiana das populações dos territórios em que atuam. Essa interferência se dá principalmente na **possibilidade de mudança, conscientização sobre a realidade, acolhimento e autoconhecimento**. O principal impacto nas comunidades se reflete no **reconhecimento e legitimidade que os grupos possuem nos territórios** e na procura por suas atividades e intervenções. A maioria dos entrevistados relata bom relacionamento com a população dos territórios.

“A filosofia de vida da cultura afro também passa para o público atendido e interfere em várias dimensões da vida, trabalhando o processo de construção da cidadania, como o direito de ir e vir e o respeito ao próximo. O trabalho de coletividade dentro da filosofia africana muda a vida de muitas crianças e as transforma em melhores cidadãos.” (Organização de Viamão, RS)

“É perceptível a mudança no discurso das mulheres atendidas pelo fórum, que passam a se interessar pelas ações (...) além do discurso e da fala com maior capacidade de autonomia e de afirmação da luta contra a violência (...) há interferência na vida acadêmica e cotidiana, muitas mulheres se tornam pesquisadoras de violência.” (Organização de São Luís, MA)

SUSTENTABILIDADE DA MILITÂNCIA - ACESSO A RECURSOS

- A principal forma de financiamento para uma parcela considerável das organizações são os **editais públicos** – embora seja significativa, também, a parcela dos que os fazem via editais privados.
 - ◆ Foi perceptível uma maior presença de menções a editais públicos nas organizações do **Nordeste** e do **Norte**. Por outro lado, houve menor incidência de relatos do acesso na região Sul.
- A sustentabilidade da militância, dessa forma, conta como sua principal fonte as políticas públicas de fomento, com o devido destaque para o **crescimento do financiamento de fundos privados**. Há um empenho dos próprios militantes para viabilizar **estratégias autônomas** para a manutenção de seus grupos, seja por meio de cotização, mobilização das comunidades para doações, articulação com grupos e organizações políticas, vendas de produtos e serviços ou campanhas e eventos que visam arrecadar recursos para a continuidade das ações.

SUSTENTABILIDADE DA MILITÂNCIA - O AUTOFINANCIAMENTO

- Na ausência de acesso a recursos, a **inventividade** para obtê-los é acionada para financiamento das atividades.
- ◆ Entre as **formas mencionadas de divisão de custos ou busca por recursos** também destacam-se: rateio de materiais, custeio entre as pessoas que frequentam o espaço; doações de equipamentos e materiais; bingos/rifas; festas; eventos gastronômicos/almoços; cachês de atividades realizadas externamente; eventos sociais, esportivos e culturais; financiamento coletivo; brechó; campanhas de arrecadação; mensalidades; e prestação de serviços pela organização.
- ◆ Vale destacar também que a falta de recursos é elencada como uma das grandes razões que **desmotivam a participação de mais pessoas** nas atividades.

SUSTENTABILIDADE DA MILITÂNCIA - PRESERVAÇÃO A MEMÓRIA

- As organizações entrevistadas se preocupam com a sistematização dos acúmulos e experiências de suas trajetórias, o que gera também um **esforço de preservação da memória** por parte dos grupos.
- Quase a totalidade das organizações vêm cultivando o hábito de registrar a memória de suas atividades, apesar das **limitações estruturais** para fazê-lo.
 - ◆ É alta a incidência de menções à **falta de espaço adequado** para armazenar seus materiais;
 - ◆ **O meio digital é essencial para superar tal barreira**, e figura como o principal ‘espaço’ de armazenamento de materiais – entre os quais destacam-se os **audiovisuais e gráficos**;

SUSTENTABILIDADE DA MILITÂNCIA - PRESERVAÇÃO A MEMÓRIA

- A preocupação das organizações com a memória de suas atividades é de extrema importância no campo dos ativismos políticos, movimentos e organizações sociais. É a memória construída pelos próprios grupos e coletivos que se apresenta enquanto **possibilidade de reafirmação das lutas e conquistas dos movimentos das periferias**.
- A memória construída pelas periferias e pelos sujeitos periféricos mostra-se essencial para a elaboração de significações sobre o passado, o presente e o futuro. Além disso, cumpre também papel importante na **formação da consciência política dos sujeitos** desses territórios.

REPRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

- A maior parte das organizações possui algum **representante institucional** que atua junto aos espaços e poderes públicos ou com políticos.
- ◆ Entre os que não possuem representantes institucionais, os motivos listados vão desde a não existência de uma liderança específica no grupo até a falta de espaço e condições que possibilitem a construção dessas representações.
- Além disso, a maioria dos entrevistados reconhece a presença de representantes políticos atuando nos territórios. Os mais presentes são: **vereadores, deputados, conselheiros tutelares e assessores parlamentares**. Também foram citados: integrantes de conselhos participativos, e profissionais do Executivo, candidatos e dirigentes partidários. A maior parte dessas representações políticas integram e participam das ações locais dos territórios.

ARTICULAÇÃO TERRITORIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA - OS PARTIDOS POLÍTICOS

- Parcela relevante das organizações nota a atuação de partidos políticos em suas comunidades, principalmente o Partido dos Trabalhadores, seguido do Rede, DEM e PCdoB.
- Os grupos entrevistados percebem uma presença predominante dos partidos políticos do **campo progressista** nos territórios, com destaque para o **Partido dos Trabalhadores**. Também estão presentes: Rede, PCdoB, PSOL, PDT, PSB, PSTU e PV.
- Partidos de centro e de direita também se fazem presentes, em especial o **Democratas**. Também são mencionados: MDB, PP, PSL, Solidariedade e Podemos.
- **Via de mão única**: a participação em partidos políticos é bem menor do que a percepção do alcance destes nos territórios. Poucas organizações relataram integrar alguma sigla partidária.

ARTICULAÇÃO TERRITORIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA

- **Território em disputa:** é percebida a existência de organizações externas que atuam nos territórios. Essas são majoritariamente sociedades, entidades e redes nacionais, mas há também organizações de âmbito internacional ou financiadas por recursos internacionais, além de organizações privadas ou com outras configurações e especificidades.
- ◆ As atividades realizadas por essas organizações externas incluem: o oferecimento de cursos; atividades esportivas; mapeamento comunitário; suporte para acesso aos direitos (terra, moradia, educação, assistência social); suporte religioso; suporte psicológico; e acompanhamento de projetos fomentados. Essas organizações intervêm nos territórios tanto com fomento às ações dos grupos locais por meio de financiamento, como com atendimento assistencial e fortalecimento de políticas públicas.

ARTICULAÇÃO TERRITORIAL E INCIDÊNCIA POLÍTICA - OS CONFLITOS

- Boa parte das organizações não identificaram conflitos de interesses com grupos ou organizações pertencentes ao território, mas parte significativa afirma que há **conflito de interesse com outros grupos locais**.
- ◆ A maior parte desses conflitos são de **caráter político**, seguidos por outros conflitos que se dão por questões pontuais com as **igrejas** ou com o **poder público local**. Há ainda os que indicam a existência de conflitos de interesses com empresários ou com outros grupos.

“Conflito de interesse com políticos, que querem invadir unidades de conservação, que querem invadir as terras indígenas.” (Organização de Porto Velho, RO)

“Conflito com o poder público por conta do clientelismo, o poder público sempre age na barganha, querendo fazer trocas com o movimento.” (Organização de Florianópolis, SC).

DESAFIOS DA MILITÂNCIA COMUNITÁRIA

- As organizações respondentes destacam como **desafios para a atuação política/comunitária** a estrutura, financiamento, autonomia e formalização, dificuldades relacionadas à formação, organização e articulação em rede e carência da presença do poder público e das políticas públicas.
- ◆ Outros desafios apontados são as múltiplas **violências** como: opressões, estigmas culturais, genocídio da juventude e grupos que dominam os territórios, a **falta de acesso** a direitos e necessidades básicas como o trabalho e a saúde, e as **influências externas** e **tentativas de apropriações** por alguns grupos, como partidos políticos.
 - ◆ Há também dificuldades associadas à manutenção de organizações e de seu potencial transformador, isto é, **dificuldades em engajar** os atendidos, mudar suas vidas, levar educação popular à periferia etc.
 - ◆ A falta de estrutura e financiamento atinge as mais diversas entidades, das mais recentes às mais antigas.

DESAFIOS DA MILITÂNCIA COMUNITÁRIA

“Os desafios são o autofinanciamento, a captação de recursos e o trabalho feito em cooperação, porque só se consegue atingir determinado território trabalhando em rede e em grupo.” (Organização de Campinas, SP)

“Eu acho que o principal desafio é o financiamento. Também precisamos muito de formação política no sentido de conhecermos melhor os nossos direitos. Às vezes não conhecemos nossos direitos e quando vamos tratar com as instâncias de poder somos prejudicados por isso.” (Organização de Santana do Livramento, MT)

“O principal desafio é o acesso à políticas públicas. As políticas públicas precisam ser desenhadas olhando para as periferias rurais ou urbanas, os programas que já existem são muito difíceis de acessar na prática. Por isso, o maior desafio são políticas públicas específicas para essa população.” (Organização de Quixeramobim, CE)

“Há o desafio de uma organização de forma efetiva. A gente precisa se organizar de uma forma bem colocada, conseguir redes de apoio, editais, etc. É importante ter esse respaldo. Acredito que um dos principais desafios é não ceder ao silenciamento que a gente sabe que existe, e a todas essas formas de opressão.” (Organização de Porto Alegre, RS)

POTÊNCIAS DA MILITÂNCIA COMUNITÁRIA

- Dentre os aspectos positivos da comunidade, **integração, união, generosidade e potência** são os que mais fortalecem os trabalhos das organizações. Assim, as carências aparecem muito mais associadas ao poder público e em situações individuais, enquanto a potência aparece sempre como um fenômeno coletivo e mais relacionada aos sujeitos.

“A periferia é um lugar onde a gente aprende a se articular, a lutar pelo que a gente acredita, a sobreviver. A gente aprende a dinâmica do fazer político e da experiência coletiva.” (Organização de Recife, PE)

“O querer mudar de realidade. A gente já passou do tempo em que as pessoas ficavam satisfeitas em determinado nível, as pessoas querem crescer, e é o que motiva a galera a sair da realidade em que vivem, da exposição às intervenções da polícia e do tráfico, da criminalidade. Esse querer mudar de realidade, querer conquistar seus sonhos é o que move, o aprender.” (Organização do Rio de Janeiro, RJ)

“A pegada cultural é muito potente para superar as condições de violência que a gente vive (...) com a cultura a gente consegue construir um outro lugar que não é o lugar da violência, do ruim. Pela cultura a gente pode trazer o lugar do brilho, de ser feliz (...) a cultura transforma lugares de sofrimento em lugares mais confortáveis, mais possíveis.” (Organização de Florianópolis, SC)

POTÊNCIAS DA MILITÂNCIA COMUNITÁRIA

- Segundo os entrevistados, a potência das periferias se mostra por meio da valorização e reconhecimento da **ação coletiva dos movimentos sociais**, das **organizações comunitárias** e da **população**, ação que vai desde o **potencial organizativo da população** até o reconhecimento dos **trabalhos coletivos** e dos **movimentos culturais** dos territórios. Além disso, união, integração e ação coletiva, respostas frequentes nessa questão, remetem, mesmo que indiretamente, ao **sentimento de acolhimento** presente em respostas anteriores.
- Nesse sentido, se os desafios parecem remeter principalmente a indivíduos, apesar de as organizações também terem citado desafios coletivos, a potência aparece, sem exceção nas respostas, como um fenômeno e saída **protagonizada pela ação coletiva** das periferias.

PERSPECTIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

- Respostas das organizações em relação às suas experiências e ao enfrentamento à pandemia de Covid-19 no ano de 2020.
- Em primeiro lugar, questionamos os impactos da crise sanitária para as organizações entrevistadas e como buscaram lidar com a nova realidade.
- Em seguida, questionamos os impactos que essas organizações puderam perceber em suas comunidades e, especialmente, nas populações atendidas por elas.

IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES

- Os principais temas citados em relação à **como a pandemia afetou o trabalho da organização** foram: alterações na forma/agenda de trabalho da organização; suspensão, paralisação ou redução das atividades; agravamento na condição de acesso aos direitos fundamentais, sociais e econômicos; alteração nas relações interpessoais e com a população atendida; impacto financeiro e prejuízos na saúde física e emocional de seus membros e da população atendida.

“A gente saiu muito enfraquecido por ser um movimento negro, havia muitas questões de saúde, desemprego. A gente estava sem tempo para dar continuidade às nossas ações e sem saúde emocional para continuar.” (Organização de Recife, PE)

“Dificultou a circulação, interrompeu as atividades nas escolas, esmoreceu os nossos trabalhos presenciais, silenciou o envolvimento com a comunidade local e as pessoas se tornaram mais ocupadas.” (Organização de Curitiba, PR)

“A pandemia impactou no sentido de interromper as atividades e fazer aumentar casos de violência doméstica, tivemos que focar no acompanhamento e auxílio a esses casos.” (Organização de São Luís, MA)

IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES

- Em sua maioria, as organizações consultadas manifestaram terem realizado **alterações em sua forma ou agenda de trabalho e passaram a incluir em sua pauta prioritária as ações de cunho assistencialista**/ajuda mútua ou emergenciais**, como a entrega de cestas básicas, marmitas, kits de higienização ou apoio às ações em postos de saúde, além da criação de linha telefônica emergencial para atender exclusivamente casos de violência doméstica e/ou violência contra a mulher.

“Afetou muito. A demanda afetou muito, se bobear dobrou o número de pessoas em situação de rua, se bobear passou do dobro. Não temos contagem, mas vemos pelo visual, pelas fotos dos locais, aumento das filas. A gente preparava em média seiscentos lanches, às vezes mais, agora preparamos em média três mil lanches.” (Organização de Curitiba, PR)

“Mudamos o foco, antes não atuávamos na saúde alimentar, com a pandemia as pessoas precisavam alimentar seus familiares presos, isso abriu um novo olhar e aproximou a gente de outras organizações de mães e mulheres.” (Organização do Rio de Janeiro, RJ)

** Entendemos que os movimentos sociais no geral e os grupos aqui entrevistados têm pressionado por uma redefinição da ideia de assistencialismo, uma vez que eles próprios têm desenvolvido ações de ajuda mútua que se aproximam dessa classificação.

IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES

- Mais da metade das organizações **buscaram adaptar seus trabalhos ao novo cenário**, migrando ações e atividades para plataformas online, alterando o formato das atividades e as formas de disseminação.

“A gente ligava pro nosso pessoal, fazia campanha, a gente utilizava poucas idas para se reunir, agora fazemos reuniões pelo meeting, diminuíram as reuniões nas bases pelo receio de aglomerar e propagar mais a doença e passamos a fazer lives.” (Organização de Manaus, AM)

“Permaneceu o ativismo digital e mudou o contato com outros coletivos e organizações, agora fazemos encontros online.” (Organização de Guarulhos, SP)

- As **organizações rurais destacaram o aumento dos conflitos por terras**, envolvendo indígenas e camponeses, fazendeiros e garimpeiros, assim como a **dificuldade de acesso aos órgãos de justiça**, que também atuavam em um regime de trabalho diferente devido à pandemia.

“Impactou na comunidade porque não podemos mais brigar pela terra, não podemos mais ir aos órgãos públicos e os fazendeiros começaram a atacar a comunidade. Ficamos mais vulneráveis porque os órgãos de denúncia não estavam funcionando adequadamente.” (Organização de Santana do Livramento, MT)

IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES

- Parte dos entrevistados relataram a **precarização de atendimentos e aprofundamento das assimetrias sociais** com a adoção das medidas sanitárias impostas pelo governo a toda a população, sem considerar a especificidade e vulnerabilidade daqueles que habitam as periferias do sistema social brasileiro.

“As cestas básicas não tem kit de higiene, as periferias estavam mais expostas, com menos informação.” (Organização de Porto Alegre, RS)

“Muita gente ficou desempregada, não puderam atuar nas suas áreas, manicures, pessoas que vendem suas mercadorias na rua. As classes mais baixas foram mais afetadas, seja pela doença, pela falta de saneamento, pela falta de água em um momento em que a higiene é fundamental...” (Organização do Rio de Janeiro, RJ)

IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES

- A indisponibilidade de acesso à internet, aliada ao fechamento dos espaços físicos, produziu impactos profundos nas redes de sociabilidade e interação comunitária para diversas organizações e aumentou ainda mais a situação de vulnerabilidade do público atendido. **As atividades culturais, sobretudo, foram as mais impactadas e as organizações desse setor estão entre aquelas que declararam a paralisia total e/ou temporária de suas atividades.**

“Mudou a assiduidade das atividades culturais, o que continuou foi a assistência, agora trabalhamos mais com distribuição de alimentos e antes isso só acontecia com moradores de rua. Agora até mesmo os próprios componentes da escola precisam.” (Organização de São Paulo, SP)

“Na questão cultural está tudo parado, o que é presencial não está sendo feito mesmo. Teve algumas edições antes da pandemia, mas a partir de março parou tudo. Na questão cultural a aglomeração é necessária, a cultura vive de aglomeração.” (Organização de Rio Branco, AC)

“Não dá pra fazer o jongo. Permaneceu o diálogo interno entre os membros que se encontram online para pensar novas possibilidades, para fazer falar públicas sobre a experiência do jongo ou sobre patrimônio, mas de forma online.” (Organização de Campinas, SP)

“Não foi possível realizar a batalha e isso impossibilitou as atuações planejadas pelo grupo.” (Organização de Macapá, AP)

IMPACTOS NAS ORGANIZAÇÕES

- Em geral, quando as organizações mencionaram os impactos positivos, estes diziam respeito à **maior interatividade e conexões em redes possibilitadas pelo mundo virtual**, encurtando distâncias e o tempo para a organização das ações. A maior conectividade com a população mais jovem foi um ganho nesse processo, com o fortalecimento das redes de ativismo digital.

“A organização passou a fazer lives com discussões diversas. No início as lives tratavam da comunicação e divulgação de informações sobre a prevenção ao coronavírus. Esse espaço virtual também possibilitou o contato com novas organizações e a percepção de que dentro dele pode ser feito também um debate político com base comunitária.” (Organização de Aracaju, SE)

IMPACTO NAS COMUNIDADES

- Na **esfera econômica**, o impacto no âmbito do trabalho foi o mais citado, incluindo desemprego, paralisação ou encerramento de atividades, precariedade e aumento da informalidade. Estes impactos foram muitas vezes referidos ao lado da crise econômica —refletindo o aumento de preços de bens de consumo básicos como alimentos e remédios, bem como a quebra de perspectivas econômicas para as populações mais jovens— e do aumento da desigualdade.

“O primeiro impacto foi a perda de emprego, as pessoas da comunidade perderam o emprego. A periferia sempre viveu sob pressão, o Covid piorou tudo isso nas mortes, mas não piorou na questão da sobrevivência, sobrevivência na comunidade, que sempre foi muito difícil, por isso as pessoas acham que está tudo normal.” (Organização do Rio de Janeiro, RJ)

“A Covid impactou mais na área do trabalho, os afroempreendedores são pessoas hiperativas que estão na rua vendendo seus serviços o tempo todo, e com o isolamento essas pessoas não podem comercializar. A onda de miséria aumentou e mesmo com a ajuda do auxílio emergencial nem todas as necessidades foram supridas.” (Organização de Salvador, BA)

“Na questão do trabalho é onde é mais visível. As pessoas ficaram desempregadas e os preços dos alimentos e medicamentos subiram, o que dificultou a vida das pessoas. Fizeram campanhas para ajudar a arrecadar cestas básicas e medicamentos.” (Organização de Boa Vista, RR)

IMPACTO NAS COMUNIDADES

- Na **esfera social**, a área mais citada foi a **saúde**, especificamente os impactos na saúde das comunidades. Houve menção ao aumento do número de mortes, às dificuldades acrescidas no acesso ao cuidado (inclusive devido à falta de recursos como testes, profissionais e medicamentos e ao fato de que alguns postos passaram a tratar exclusivamente da Covid, forçando populações a buscarem outros atendimentos em postos mais distantes), aos efeitos da pandemia na saúde mental das pessoas, além do cancelamento/adiamento na prestação de serviços de saúde que não fossem diretamente relacionados à Covid-19.

“Impactou na área da saúde. Muitas pessoas não levaram a covid a sério e isso se refletiu nas taxas de letalidade. As fake news foram fundamentais nesse processo.” (Organização de Vitória, ES)

“Acesso à saúde foi bem comprometido, teve um gargalo nos exames de HIV, as mulheres com a campanha do outubro rosa que tem que fazer exames de mama estão com tudo atrasado.” (Organização de Florianópolis, SC)

“Alimentação e saúde. O hospital que atende a área passou a atender infectados pela Covid, pessoas com outras doenças tiveram que se deslocar para outros hospitais mais distantes.” (Organização de Teresina, PI)

“Suspenderam o atendimento de saúde em terras indígenas, muitos se contaminaram ao buscar alimento e morreram sem atendimento.” (Organização de Porto Velho, RO)

IMPACTO NAS COMUNIDADES

→ O segundo tema mais citado na esfera social foi a **educação**. Inclui-se aqui referência ao fechamento das escolas e à falta de recursos para manter o ensino a distância, como acesso a computadores e à internet. Aliado a isso, foi citada a deficiência na aprendizagem, a dificuldade dos pais em prestar apoio aos filhos para continuarem sua educação em casa, bem como casos de perda de ano letivo e abandono escolar.

“Impacto principalmente na educação, porque a escola é o espaço de interação, comunicação e sociabilidade das crianças, jovens e adolescentes, e quem mora na periferia mora em espaços inadequados e tensos para os estudos. Além disso, o ambiente escolar acaba sendo um ambiente de refúgio para sair de situações familiares complicadas.” (Organização de Aracaju, SE)

“A parte da educação também foi caótica. Até o presente momento não houve nenhum tipo de trabalho para minimizar a situação da educação, as professoras estão fazendo isso de forma mais independente.” (Organização de Florianópolis, SC)

“Impactou principalmente nas áreas de educação pela falta de acesso à internet para acompanhar as aulas online. Secundaristas do rural têm dificuldade de acompanhar as atividades.” (Organização de Ceará-Mirim, RN)

“Muitos alunos da rede pública saíram da escola e começaram a trabalhar em serviços precários para ajudar a família.” (Organização de Goiânia, GO)

IMPACTO NAS COMUNIDADES

- Ainda na **esfera social**, os respondentes se referiram a questões ligadas à **desproteção social e à violência doméstica**. No caso da desproteção social, destaca-se a falta de acesso a água e itens de higiene, bem como a equipamentos de proteção individual, por conta de habitações precárias, despejos e questões relacionadas à segurança alimentar, como acesso a bens de qualidade e o aumento da fome. Em alguns casos, o auxílio emergencial e outras formas de assistência auxiliaram na possibilidade de sobrevivência das comunidades, mas, ainda assim, houve situações em que a ajuda do Estado demorou para chegar, mesmo em regiões urbanas.

“Impactou nas desigualdades. As pessoas não têm acesso ao auxílio emergencial, não têm como pagar o aluguel, não têm comida, água e luz. Afetou as condições básicas de vida das pessoas.” (Organização de Recife, PE)

“O auxílio que deveria vir do poder público foi quase nulo, a fome só não foi maior por conta das equipes de voluntários que surgiram por toda a cidade e que foram fazendo arrecadações, montando cestas básicas e tentando dar conta das necessidades das comunidades.” (Organização de Florianópolis, SC)

“A esfera mais impactada foi a convivência familiar, muitas mulheres estão sofrendo violência doméstica e muitos jovens desesperançosos com o futuro aumentaram o consumo de drogas e álcool.” (Organização do Rio de Janeiro, RJ)

IMPACTO NAS COMUNIDADES

- Na **esfera política** houve menção às medidas de apoio e suas limitações, inclusive no caso do auxílio emergencial, bem como aos aspectos ligados à estratégia de informação e comunicação no âmbito da prevenção à Covid-19, consideradas no geral como confusas, imprecisas e até enganosas. Ainda, houve críticas à constante troca de ministros da Saúde e à falta de clareza em relação às diretrizes governamentais sobre a pandemia. Também houve menção a entraves para outras medidas que poderiam ajudar grupos como assentamentos e afroempreendedores.

“A prefeitura distribuiu cestas básicas e providenciou o auxílio emergencial específico para pessoas artistas, porém, foi pontual, poderia ter permanecido. Além do auxílio emergencial do governo federal que poderia ter sido de mais fácil acesso para a população.” (Organização de Fortaleza, CE)

“A produção e propagação do material informativo sobre coronavírus poderia ter sido importante, o auxílio à manutenção das atividades do CAPS também deveria ter sido feito. Uma central de atendimento sobre a pandemia para obter informações ou compartilhar sintomas também teria ajudado.” (Organização de Rio de Janeiro, RJ)

“Nos territórios é um Estado mínimo de direitos, tivemos falta de água nas comunidades em um momento em que a água era de suma importância para higiene, tivemos incursões policiais, tivemos mais problemas do que soluções do Estado para a comunidade. Nas comunidades o que aparece é só a face armada do Estado.” (Organização de Rio de Janeiro, RJ)

IMPACTO NAS COMUNIDADES

- Os impactos na **esfera cultural** foram citados principalmente em termos de sociabilidade, incluindo alterações nos modos de vida tradicionais (com destaque para as comunidades indígenas), nas formas de convivência nas sociedades (e seu impacto especialmente nos jovens) e na coesão social das comunidades.

*“A pandemia impactou no cancelamento das atividades culturais, porque as atividades foram suspensas. As crianças e jovens da comunidade do moinho participavam das atividades.”
(Organização de São Paulo, SP)*

“O impacto foi maior na área social como um todo, na forma de convivência dos povos indígenas e de todo o coletivo. A pandemia impede esse modo social de convivência, cada família se isolou na sua casa, os momentos de entretenimento da comunidade pararam.” (Organização de Porto Velho, Ro)

“A segregação das pessoas, o isolamento social. A comunidade gosta de estar junta, seja nos festejos, seja quando se reúne para cortar arroz, seja quando se reúne para ir no ônibus escolar assistir aula em algum canto, os comunitários sempre têm esse jeito de estar junto. Estar junto é um bem-estar eterno para a comunidade e isso foi cortado.” (Organização de São Luís, MA)

RESPOSTAS À PANDEMIA: AUSÊNCIA E PRESENÇA DO ESTADO

- As lideranças foram indagadas sobre **ações do poder público** que estivessem beneficiando a comunidade desde que a pandemia foi decretada e, na sequência, sobre quais ações poderiam ter sido implementadas pelo poder público e não o foram. As respostas nos permitiram agrupar alguns padrões interessantes de reações:
- Para metade dos respondentes, **o Estado adotou medidas de combate e prevenção à pandemia, mas essas ações foram insuficientes.**

“Auxílio emergencial e lockdown beneficiaram a população e fizeram com que as pessoas refletissem mais sobre o problema da pandemia. Mas o governo poderia ter implementado também bancos sociais para gerar mais emprego e renda.” (Organização de São Luís, MA)

“Apenas o auxílio emergencial. Poderia equipar melhor os postos de saúde comunitários com materiais, aumentar o número de profissionais de saúde.” (Organização de Aracaju, SE)

“Não fizeram nenhuma ação específica, apenas o governo federal com o auxílio emergencial, mas poderiam gerar mais benefícios através de fiscalizações incisivas, ações de capacitação para o ingresso no mercado de trabalho, até mesmo incentivos para o empreendedorismo.” (Guarulhos, SP)

RESPOSTAS À PANDEMIA: AUSÊNCIA E PRESENÇA DO ESTADO

→ Já para outra parcela dos respondentes, **o Estado não adotou nenhuma medida:**

“O poder público não tem tomado nenhuma ação para o benefício da organização e da comunidade, mas a comunidade se organizou internamente para suprir essas necessidades.” (Organização de Brasília, DF)

“Nenhuma, porque o governo do estado diz que fez cestas básicas que nunca vieram ou foram insuficientes para as necessidades das pessoas. Não ofereceram nem o básico. Deveriam ter oferecido direitos básicos para a população, como renda básica, cesta básica, kits de higiene e realização de um plano de educação para que os estudantes não perdessem o ano de ensino. Além disso, tem que ter acesso a equipamentos e redes para realizar as atividades.” (Organização de Recife, PE)

“As organizações e movimentos sociais precisaram exigir políticas do poder público, principalmente em relação à saúde e à capacidade de atendimento dos hospitais. Os hospitais municipais não deram conta do atendimento, e os movimentos sociais entraram na Justiça para exigir o funcionamento do hospital que foi criado especialmente para o coronavírus. Nada veio do governo diretamente, tudo veio por medidas judiciais.” (Organização de Altamira, PA)

RESPOSTAS À PANDEMIA: AUSÊNCIA E PRESENÇA DO ESTADO

- Para outro grupo de entrevistados, **o Estado adotou medidas, mas estas não chegaram às comunidades** destas lideranças ou não estavam adaptadas às especificidades daquelas comunidades.
- Para um pequeno grupo de entrevistados, **o Estado adotou medidas e estas podem ser consideradas satisfatórias**. Este grupo é residual se comparado aos anteriores, são 4 entrevistados no total: dois do Maranhão, um do Piauí e outro do Amazonas. Interessante notar que, das 4, 3 são governadas por governos de esquerda.
- Há ainda um pequeno grupo que não respondeu ou que se limitou a citar as ações que deveriam ter sido implementadas, sem dizer quais medidas estavam sendo adotadas pelo Estado naquela localidade e nem se eram suficientes ou se estavam beneficiando sua comunidade.

RESPOSTAS À PANDEMIA: AUSÊNCIA E PRESENÇA DO ESTADO

- A maior parte dos entrevistados reconheceu que o poder público não foi exatamente omissivo com as questões colocadas pela pandemia nas periferias. **A maioria reconhece que houve ações, ainda que elas não tenham ocorrido a contento.**
- Interessante notar que o **auxílio emergencial** foi mencionado em boa parte das respostas como uma ação importante e que beneficiou as comunidades durante o período. As **cestas básicas** também foram citadas pelos respondentes - contudo, no caso das cestas básicas, alguns chegaram a afirmar que não eram provenientes do poder público, e sim de empresas privadas ou de entidades sociais que organizavam doações e a distribuição das cestas. A **Lei Aldir Blanc** também foi mencionada por parte dos respondentes.
- Importante ressaltar ainda que dois respondentes explicaram que as medidas adotadas para beneficiar sua comunidade foram resultado de **acionamento do poder público por meio de medida judicial.**

RESPOSTAS À PANDEMIA: AUSÊNCIA E PRESENÇA DO ESTADO

- Em relação a quais ações poderiam gerar benefícios importantes se tivessem ocorrido, a maioria dos respondentes mencionou benefícios e ações que poderiam ter sido importantes nas áreas de **saúde, assistência social, emprego e renda**. Além disso, os entrevistados também mencionaram ações que poderiam ter sido impactantes referentes à **alimentação, comunicação e educação**.

“A continuidade do abastecimento das cestas básicas para a comunidade seria uma ação que poderia ter gerado benefícios importantes se tivesse ocorrido. Outra ação seria uma sincronicidade dos órgãos públicos da saúde com aquele do programa Cidade Solidária para realizarem atividades em conjunto.” (Organização de São Paulo, SP)

“A distribuição de alimentos para crianças estudantes poderia ter sido uma ação interessante, bem como a compra de alimentos da agricultura familiar para essa distribuição.” (Organização de Quixeramobim e Ipu, CE)

“Outras ações poderiam ter sido tomadas, como doação de cestas básicas, criação de auxílio ou bolsa pagando uma quantia para ajudar quem tem criança pequena em casa ou para ajudar quem paga prestações de moradia, podia também ter anulado as contas de água e de luz que só estão aumentando.” (Organização de Belém, PA)

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO

- Durante e após a pandemia, as organizações vêm como central a atuação para **responder às necessidades imediatas da população e das comunidades**: fome, exclusão social, violência, desemprego, acesso à educação etc. O **assistencialismo** se tornou, em muitos casos, o foco da atuação de entidades que antes trabalhavam com outras pautas, como cultura, religião, educação e lutas emancipatórias.

“Estamos no caminho certo e também durante a pandemia estivemos no caminho certo, ajudando sempre a população. Outra coisa, aprendemos muito com o período pandêmico, estivemos sempre conscientes do que estamos fazendo.” (Organização de Salvador, BA)

- De modo geral, a expectativa para a maioria das organizações é de **permanência** e até mesmo de aumento da abrangência das atividades e ampliação do trabalho em rede. Outro ponto bastante citado foi a expectativa de maiores **financiamentos** após a pandemia e também de **fortalecimento do trabalho territorial**.

“Expectativa de continuar o trabalho do coletivo, fazer novos projetos para fortalecer mais a formação continuada para os professores das comunidades, mas também ampliar a pauta do fortalecimento da cultura local e ancestral. Expectativa de promover novas parcerias com instituições governamentais e não governamentais. Expectativa de intercâmbio internacional...” (Organização de Barra do Bugres, MT)

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO

- As expectativas futuras das organizações giram em torno do desenvolvimento de trabalho comunitário e da estrutura necessária para desenvolvê-lo. Para ampliar a abrangência, espaço e estrutura e contemplar um público maior, oferecendo mais **oportunidades, formação e acolhimento**, essas entidades buscam **aumentar sua captação de recursos**. Além disso, há expectativa em retomar as **atividades presenciais** e apropriar-se das ferramentas e **formas de trabalho virtuais**, com o uso de plataformas e ferramentas digitais.

“Perspectiva de olhar mais amplo e de entender as dificuldades que foram enfrentadas em 2020 para pensar a atuação daqui pra frente, além de repensar as formas de fazer as atividades e as formações, com um olhar mais delicado para o contexto.” (Organização de Recife, PE)

“Perspectiva de nos colocar mais nos meios digitais, utilizar as nossas plataformas como ambiente informativo também para as pessoas que já nos acompanham, tentar ter essa troca de informação para tentar aliviar o máximo possível o que as pessoas estão passando.” (Organização de Porto Alegre, RS)

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO

- Para os públicos com os quais interagem, pretendem construir estratégias para empoderar a população e estar **cada vez mais próximos do território**. Para enfrentar o empobrecimento, buscam realizar atividades de **fomento ao empreendedorismo como forma de geração de trabalho e renda**.

“Temos esperança de que a pandemia acabe logo para que o baile volte a gerar renda dentro do território, expectativa de que as coisas voltem ao normal. Expectativa de que o poder público veja a favela com outros olhos e dê mais oportunidades para os jovens que muitas vezes acabam se perdendo em coisas erradas. Esperamos que as pessoas olhem para a favela de outra maneira. Queremos ampliar a atuação da organização e o espaço, para conseguir dar mais oportunidades e atender mais jovens.” (Organização de Belo Horizonte, MG)

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO

- Internamente, as organizações anseiam por **regularizar/formalizar** a instituição e **ampliar suas redes** de articulação e atuação, para maior valorização e reconhecimento de seus trabalhos.

“Temos grandes expectativas para o futuro, como ampliar o espaço da organização, inaugurar um novo galpão, formalizar a organização para poder participar de editais para instituições formalizadas ...” (Organização de Maceió, AL)

- Em relação à pandemia, a **vacina** era a grande expectativa das organizações no momento das entrevistas, o que faria com que os efeitos dos diversos problemas sociais e econômicos decorrentes da pandemia fossem minimizados e possibilitaria que essas entidades retomassem suas atividades anteriores, que durante o período de pandemia estiveram focadas no assistencialismo. Nesse sentido, durante e após a pandemia veem como central a atuação para **responder às necessidades imediatas** da população e das comunidades: fome, exclusão, violência, desemprego e acesso à educação, por exemplo.

“A necessidade agora é a sobrevivência.” (Organização de Belo Horizonte, MG)

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO

- Externamente e diante da conjuntura nacional, apontam receios com a ação e poder de decisão de grupos de direita e conservadores. Como estratégia, alguns grupos têm como perspectiva **ocupar espaços de participação e gestão democrática** que incidem sobre as decisões políticas e tentar eleger representantes nas instâncias legislativas e executivas para, assim, **construir outro referencial de democracia** que possibilite enfrentar o obscurantismo, o racismo, o sexismo e outras formas de exclusão social. A narrativa comum entre os grupos é evitar os retrocessos na conquista de direitos, conquistar novos direitos e fazer com que as políticas públicas cheguem aos lugares mais remotos e com menos acesso.

*"Temos a expectativa de seguir pautando uma reforma do sistema político que realmente inclua os que são excluídos, para garantir participação das mulheres e dos negros com qualidade, a expectativa de fazer um sistema político que não funcione em cima da lógica do capital... Temos a perspectiva de criar um outro referencial de democracia, de impactar em uma cultura política que seja realmente inclusiva, respeite a diversidade do povo e combata as injustiças sociais."
(Organização de João Pessoa, PB)*

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO

“Perspectiva de luta pela representação política no Legislativo nas eleições de 2020, com maior aproximação com as comunidades e ações permanentes com as culturas. Expectativa de institucionalizar a organização com CNPJ e expandir a atuação ainda mais na região Sul.” (Organização de Porto Alegre, RS)

“O fórum está apostando em candidaturas de mulheres e em materiais que fortaleçam a relação entre mulheres e democracia. Também há expectativas de pesquisa sobre a violência contra a mulher. Além disso, o fórum precisa construir possibilidades de recursos para poder dar continuidade a suas atividades.” (Organização de São Luís, MA)

“Expectativa é lutar pelas necessidades do povo, garantir nosso povo, lutar para eleger nossos candidatos, continuar organizando o povo, organizando a luta” (Organização de Manaus, AM)

“O trabalho em rede passa a ser uma prioridade para enfrentar o obscurantismo e a diminuição ou fechamento dos espaços democráticos e da democracia. Essa luta faz parte da história da organização, que foi fundada no período da redemocratização e tem a defesa da democracia como um valor fundamental.” (Organização de Porto Alegre, RS)

“Daqui pra frente teremos que exigir que as políticas públicas alcancem aqueles que estão mais longe e têm menos acesso. O coletivo tem expectativa de se fortalecer mais e de ter cada vez mais cuidado e fortalecimento interno. Também queremos ficar cada vez mais atentas para os processos de construção necessários para as melhorias que o coletivo deseja. Temos expectativa de formação, de empoderamento, de engajamento, de maior visibilidade para a pauta do racismo e de mais tempo para reivindicar saúde pública, educação” (Organização Altamira, PA)

CONCLUSÕES GERAIS

- Com a pandemia, a atuação dessas organizações ficou incerta. **O assistencialismo se tornou, em muitos casos, o foco principal da atuação de entidades que antes trabalhavam com outras pautas, como cultura, religião, educação e lutas emancipatórias.** É possível que as atividades voltem a ocorrer como antes, assim como é possível também que a pauta e atuação assistencialista permaneça e que permaneça também a utilização dos meios digitais, que tanto cresceu com a pandemia, o que um dos entrevistados chamou de “o novo normal”.
- Apesar das adversidades sociais, econômicas e políticas, essas organizações permanecem atuando nas periferias com centralidade nas sociabilidades periféricas e com um **forte comprometimento com a população.** Esse comprometimento se evidencia em todo auxílio e trabalho assistencialista que as entidades têm prestado às comunidades, desde a arrecadação e distribuição de cestas básicas até as cobranças jurídicas ao poder público. Para além do **acolhimento**, as organizações possuem um comprometimento com o **acesso à informação, formação e conscientização** da população, o que é ainda mais importante para o engajamento político das comunidades e para a luta por direitos.

DIRETORIA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vívian Farias

Alberto Cantalice, Artur Henrique, Carlos Henrique Árabe, Elen Coutinho, Geraldo Magela, Jéssica Italoema, Jorge Bittar e Valter Pomar

EQUIPE RESPONSÁVEL

Diretor responsável: Artur Henrique

Coordenação do Projeto: Paulo César Ramos

Coordenação da Pesquisa: Ana Lúcia Silva Souza

Produção da apresentação: Matheus Tancredo Toledo, Paulo César Ramos, Sofia Toledo e Victoria Lustosa Braga.

Equipe Reconexão Periferias: Antonio Carlos, Artur Henrique Isaías Dalle, Juliana Borges, Lea Marques, Matheus Tancredo Toledo, Paulo César Ramos, Rose Silva, Ruan Bernardo de Brito, Sofia Toledo, Victoria Lustosa Braga, Vilma Bokany.

ENTREVISTADORAS/ES

Amanda Malaquias - NEGRA/UFF

Ana Maura Tomesani - NUPRI/USP

Beatriz Besen de Oliveira - ProMuSPP

Camila Braga - NUPRI/USP

Charlene Soares - NEGRA/UFF

Dandara Vicente - NEGRA/UFF

Danilo Morais - UFSCAR

Diléia Aparecida Martins UFSCAR

Flavia Rios - NEGRA/UFF

Huri Paz - NEGRA/UFF

Jaqueline Lima Santos - Reconexão Periferias/FPA

Jéssica Teixeira Eugenio - RASURAS/UFBA

Joana Ricarte - NUPRI/USP

Kaue Gomes - USP

Mateus Cunha - NEGRA

Paulo Ramos - Reconexão Periferias/FPA

Raquel Lima - NEGRA/UFF

Roberta Holanda Maschietto - NUPRI/USP

Victoria Lustosa Braga - Reconexão Periferias/FPA

Vilma Luiza Bokany - Reconexão Periferias/FPA



Tratamento, análise de dados e produção do relatório final:

Ana Lúcia Silva Souza

Ana Maura Tomesani - NUPRI/USP

Camila Braga - NUPRI/USP

Jaqueline Lima Santos - FPA

Jéssica Teixeira Eugenio - RASURAS/UFBA

Joana Ricarte - NUPRI/USP

Marcos Agostinho da Silva - MAS Pesquisa

Roberta Holanda Maschietto - NUPRI/USP

Victoria Lustosa Braga - FPA

Vilma Luiza Bokany - FPA